

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA ITALIANO, LADO B
19 de julho de 2021

PECCATO CHE SIA UNA CANAGLIA / 1954

(Que Pena Seres Vigarista)

Um filme de Alessandro Blasetti

Realização: Alessandro Blasetti / **Argumento:** Suso Cecchi D'Amico, Alessandro Continenza, Ennio Flaiano, segundo o conto "Il Fanatico" de Alberto Moravia / **Fotografia:** Aldo Giordani / **Cenários:** Mario Chiari / **Música:** Alessandro Cicognini / **Montagem:** Mario Serandrei / **Assistente de Realização:** Mara Blasetti, Paolo Valmarana / **Interpretação:** Sophia Loren (Lina Stroppiani), Vittorio De Sica (o senhor Stroppiani), Marcello Mastroianni (Paolo), Umberto Melnati (Michele), Margherita Bagni (Elsa), Michael Simone (Toto), Giorgio Sana, Memmo Corotenuto, Giacomo Furia.

Produção: Documento Film / **Director de Produção:** Giuseppe Bordogni / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original com legendas em francês e legendagem eletrónica em português / **Duração:** 95 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, 28 de Dezembro de 1954 / **Estreia em Portugal:** Éden, a 18 de Novembro de 1955.

Foi no filme que vamos ver nesta sessão e que tem Blasetti como realizador que Marcello Mastroianni e Sophia Loren trabalharam juntos pela primeira vez. Isto já basta para dar relevo a este filme. Mas, apenas com a visão de **Que Pena Seres Vigarista**, o cinéfilo não fica com qualquer ideia de quem é e do que foi o trabalho de Blasetti. Eu próprio, não arrisco uma opinião apesar de ter visto alguns filmes seus mais importantes: **O Cavaleiro de Ferro (Ettore Fieramosca)** e especialmente esse filme que leva o *peplum* aos limites da imaginação e do delírio, essa incrível mistura de estilos e fantasias que é **A Coroa de Ferro** a quem já alguém chamou "Tarzan entre os Lombardos". Numa entrevista, Blasetti falou deste filme e das suas relações com o fascismo: "*Era um filme contra a guerra, feito em plena guerra. Os fascistas não o perceberam, mas Goebbels compreendeu-o muito bem. Eu próprio o ouvi em Veneza (estava duas filas atrás dele) dizer que na Alemanha teria feito com que o autor deste filme fosse encostado ao muro*". E esta é a sua faceta histórica que dizem a mais importante. Outros filmes contemporâneos de **A Coroa de Ferro** são considerados entre os seus melhores: **Un'Avventura di Salvator Rosa** e **La Cena delle Beffe**. Mas há outra faceta: a de precursor do neo-realismo com **Dois Dias Fora de Vida** (1942), que antecipa os filmes de De Sica. Uma obra posterior, **Manhã de Páscoa (Prima Comunione)**, (1950), revelava uma grande ternura na aproximação das crianças e da gente do povo. (Blasetti aparece como actor no filme de Visconti **Belissima** que gira exactamente à volta da procura da criança que há-de interpretar **Manhã de Páscoa**). É nessa via, ou na sua mistura com a componente histórica, que alguns historiadores do cinema encontram as obras primas de Blasetti: **Sole**, o seu primeiro filme feito em 1929, segundo um argumento de Vergano sobre a drenagem dos pântanos Pontins. O fragmento de 260 metros que sobreviveu (a cópia integral é considerada perdida) mostra grandes qualidades. Mas o mais referido é **1860**, sobre a luta de Garibaldi na Sicília, feito quase sem actores profissionais, e considerado a sua obra prima. Se, nestes géneros, Blasetti deixou bem vincada a sua marca, há ainda o seu trabalho de pioneiro noutros. É o caso dos popularíssimos filme em *sketches* dos anos cinquenta, que têm o seu ponto de partida com **Outros Tempos** de 1952, e a comédia de

costumes, meio ligeira, meio leviana como este **Que Pena Seres Vigarista** (mas convém não esquecer o divertido **Pão, Amor e Fantasia** que Comencini realizara no ano anterior).

E assim chegamos ao filme que hoje veremos e que foi um dos campeões de bilheteira do seu tempo. Com **Peccato Che Sia Una Canaglia** e **Pane, Amore e Fantasia** a produção italiana entrava na fase do optimismo, ultrapassando as sequelas dos pós-guerra e ligando a velha geração do tempo do fascismo com a que começava agora a afirmar-se. Vittorio De Sica é a figura emblemática passando como actor de uma fase para outra, servindo a sua carreira de realizador neo-realista como traço de união. A passagem de testemunho é feita para as caras novas que vão surgindo como cogumelos atraídos pela miragem da euforia económica e da produção sempre crescente da Cinecittà. Sophia Loren é uma das muitas *maggioratas* que exibem generosamente o físico em produções menores e que vai ter aqui a sua grande oportunidade. Marcello Mastroianni permanece também ainda num semi-anonimato, mais conhecido no palco do que na tela.

Como nas outras comédias que lhe são contemporâneas ou lhe vão seguir imediatamente as pisadas, **Que Pena Seres Vigarista** aborda, com certa complacência e auto-ironia, a "arte de desenrascar-se" do popular italiano. O riso aberto sucede ao travo amargo da comédia neo-realista (**A Zaragateira**) e antecede a comédia mais sofisticada anunciada pela **Ultrapassagem**. De facto, a comédia italiana é um reflexo fiel do que vai acontecendo pelo país.

De Sica vem de antes da guerra. Ele sabe usar o tom melífluo, aparentar o ar de cavalheiro e utilizar uma linguagem refinada que impressionam as autoridades. Toda a sequência do roubo da carteira e da esquadra da polícia, com que termina o filme, mostra como consegue rapidamente inverter a situação pondo todos a duvidar de Marcello, inclusive o próprio. Sophia é herdeira desta tradição mas traz algo de novo: a espontaneidade, uma certa ligeireza de costumes que a tornam de imediato simpática aos olhos dos espectadores. A passagem do testemunho está feita. De Sica afasta-se e Sophia, que enchia ornamentalmente a sequência da praia, torna-se no fim a senhora por direito próprio, o alvo das atenções, a estrela. A multidão que a rodeia no final enquanto beija Marcello, a que se junta os jornalistas, torna-se assim duplamente simbólica. Marcello é a testemunha que se quer activa, mas apesar de toda a sua energia, cruza o filme praticamente como vítima. Isso dá-lhe, no fim de contas, uma posição semelhante à do espectador sentado na sua poltrona: Quer participar da acção, quer entrar no "filme" como Mia Farrow em **A Rosa Púrpura do Cairo**, mas não consegue materializar esse desejo. Ele é como que um fantoche, deixando-se arrastar e levar pelas emoções, ao sabor dos caprichos de Sophia, ou de quem escreve o argumento. Há o *happy-end*, não é verdade? Mas, seguindo esta mesma linha de análise, poderia ser considerado como o prazer, entre realizado e frustrado, que o espectador sente no final duma projecção.

Mas talvez importe mais saborear a divertida comédia de costumes, cheia de situações picarescas, como a longa sequência do início para a tentativa de roubo do táxi de Marcello a lembrar a fábula do corvo e da raposa (veja-se como o assobio arrasta Marcello atrás de Sophia para deixar o campo aberto aos cúmplices) e a exibição longamente preparada do banho de Sophia. Na ratoeira dela vamos cair todos: Marcello e nós, os espectadores. E repare-se como ela o vai manipular logo a seguir quando ele a quer levar à polícia. Sophia é, de facto, o verdadeiro filme, um dos símbolos desta nova comédia (e será o seu símbolo erótico por excelência). Ela surge amoral, espontânea, exuberante, opulenta de formas e de riso contagiante. E o triunfo de **Que Pena Seres Vigarista** tinha de ser o seu triunfo. Marcello apaga-se. É, como já referi, apenas uma muleta. A sua oportunidade virá mais tarde.

Manuel Cintra Ferreira